

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


U FLUL
LISBOA LETRAS
UNIVERSIDADE LISBOA
DE LISBOA


FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

BREVE APONTAMENTO SOBRE A CERCA (“VELHA”) MEDIEVAL DE LAGOS

Ana Gonçalves¹, Elena Mórán², Ricardo Costeira da Silva³

RESUMO

Apresentam-se os resultados obtidos numa pequena intervenção arqueológica realizada no centro histórico de Lagos (Rua 5 de Outubro, n.º 36) que concorrem para aprofundar o conhecimento acerca do sistema muralhado medieval desta cidade. A designada acção de natureza preventiva permitiu identificar e localizar, pela primeira vez, a presença de um fosso que acompanha o pano poente do recinto defensivo. Para além das características formais desta estrutura, expõe-se o contexto estratigráfico registado e o espólio arqueológico associado que permite corroborar cronologicamente o ritmo das acções construtivas relacionadas com a expansão urbanística de Lagos no período renascentista.

Palavras-chave: Lagos (Portugal), Cerca Medieval, Fosso Poente, Cerâmica (séc. XV-XVI).

ABSTRACT

This paper presents the results of a circumscribed archaeological intervention that took place in the historic center of Lagos (Rua 5 de Outubro, n.º 36) which contributes to improve the understanding of the medieval city wall device. In the context of this rescue intervention it was possible to identify and locate, for the first time, the presence of a ditch that follows the west side of the defensive enclosure.

In addition to the description of the formal features of the structure, are also displayed the recorded stratigraphic context and the associated archaeological materials that allows to chronologically corroborate the rhythm of the constructive actions related to the urban expansion of Lagos in the Renaissance period.

Keywords: Lagos (Portugal), Medieval city wall, Ditch, Pottery (15th-16th century).

1. INTRODUÇÃO

A designada Cerca “Velha” implantada na encosta nascente de uma das mais proeminentes colinas de Lagos, concluída no século XIV, delimitava o burgo primitivo desta cidade, conhecido como Vila Adentro. O desenvolvimento urbano deste núcleo leva à construção, em meados do século XVI, de uma nova cerca muralhada (“Nova”) absorvendo o alinhamento medieval e motivando a sua paulatina degradação e demolição. Hoje pouco resta desta construção e embora a cartografia antiga nos forneça uma imagem geral da sua configuração, escasseiam as informações concretas sobre a totalidade dos seus elementos constituintes. Entre estes alude-se agora

para a presença de um fosso que acompanha o pano poente do recinto defensivo, posto em evidência durante uma intervenção arqueológica preventiva realizada na Rua 5 de Outubro (Figura 1) e cuja existência era, até então, desconhecida.

Tal como outras intervenções arqueológicas em contexto urbano em Portugal, também esta se traduz numa acção de curto alcance e circunscrita à necessidade específica de determinada obra. Raramente estes trabalhos permitem decifrar ou obter uma clara compreensão dos débeis testemunhos postos a descoberto. Neste caso, longe de serem eloquentes, os resultados obtidos contrapõem-se à exiguidade do espaço sondado. Apesar dos dados agora apresentados serem uma “parte sem todo” foi pos-

1. Arkhaios – Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda; arkhaios@sapo.pt

2. Serviço de Arqueologia Urbana / Câmara Municipal de Lagos; elena.moran@cm-lagos.pt

3. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); ricardo_silva78@hotmail.com

sível contextualizar e interpretar os vestígios detetados com a área envolvente e enquadrá-los historicamente devido às condições particulares de jazida beneficiadas pela leitura clara da estratigrafia que se encontra selada. Para além do contributo, ainda que restrito, para o conhecimento histórico da cidade, nomeadamente da sua cerca medieval, julgamos ser relevante a publicação de acções arqueológicas que embora de “circunstância” beneficiam os mecanismos de gestão e planeamento urbanístico, nomeadamente na avaliação do risco do subsolo, auxiliando, a montante, os decisores envolvidos no planeamento e apreciação de operações urbanísticas.

2. A CERCA MEDIEVAL DE LAGOS: BREVE ENQUADRAMENTO

Os recintos amuralhados de Lagos (medieval e renascentista) têm concentrado a atenção de vários autores e sido alvo de inúmeros estudos (Cf. a título de exemplo: Rocha, 1991: 89-91; Callixto, 1992: 56; Paula, 1992; Díaz-Guadarmino e Morán, 2008; Parreira 2008; Pereira, 2012 e 2012/2013) que nos dispensam, aqui, de reproduzir informação já sobejamente conhecida.

As referências mais antigas a este núcleo urbano sugerem uma fundação de raiz portuguesa: a doação da «aldeia de Lagos», em 1253, pelo rei castelhano Afonso X ao Bispo de Silves, Frei Roberto (Pereira, 2012: 19; 2012/2013: 138); o foral outorgado a Lagos, por D. Afonso III, possivelmente em simultâneo com o de Silves, em 1266, que legitima a posse da aldeia de Lagos pela Coroa portuguesa (*idem*); e a atribuição de jurisdição independente e do título de vila pelo rei D. Pedro I, em 1361 (Rocha, 1991: 23; Paula, 1992: 354). É, assim, comumente aceite que a fortificação de Lagos tenha tido início ainda no séc. XIII. Embora se desconheça a sua data precisa, é provável que remonte ao reinado de D. Dinis⁴ (Pereira, 2012/2013: 139). A construção da fortificação foi demorada, estando em 1332 (no reinado de Afonso IV) ainda por concluir (Rocha, 1991: 90).

Encerrando o núcleo primitivo de Lagos conhecido como Vila Adentro, esta cerca vilã fechava um recinto quadrangular com cerca de 200 x 300 metros (Rocha, 1991: 89-91) que contava, provavelmente, com cinco portas (Paula, 1992: 151).

4. Conforme se depreende das Memórias Paroquiais, vol. 19, nº 24^a, pp. 117-136 [Arquivo Nacional Torre do Tombo].

Paulatinamente, o perímetro da Cerca Velha torna-se exíguo para albergar os numerosos fogos que cresceram como arrabaldes do burgo. Será já com D. Manuel I, que concede novo foral a Lagos em 1504, que se iniciará a expansão urbana, com a construção de edifícios públicos e o enobrecimento da vila (Pereira, 2012/2013: 143). O desenvolvimento económico de Lagos, o aumento demográfico e as limitações de uma muralha ao modo antigo incapaz de albergar novos dispositivos de artilharia tornaram necessária a construção de um novo perímetro defensivo, que abrangesse os diversos núcleos urbanos e protegesse eficazmente a zona portuária. O plano global desta segunda cerca muralhada, conhecida como Cerca Nova, foi traçado entre 1553 e 1555, pelo Arquitecto Régio Miguel Arruda (Pereira, 2012/2013: 156, nota 66). O novo sistema defensivo, cuja edificação terá sido impulsionada a partir do reinado de D. João III (Pereira, 2012: 61-62), veio delimitar o núcleo primitivo medieval, a zona ribeirinha e a zona alta da vila, integrando ainda a colina da Igreja de São Sebastião, de acordo com o observado na planta do seu projeto que se encontra no Arquivo Militar de Estocolmo (*idem*: 639). A construção da cerca renascentista estimula a progressiva demolição da anterior estrutura defensiva, nomeadamente dos panos norte e poente que não são absorvidos no novo alinhamento. Para além disso, o desgaste dos tempos, o estrago dos Homens e o forte impacto que o sismo de 1755 terá tido em Lagos (Rocha, 1991; Costa e Abreu, 2005; Almeida *et alii*, 2006) encarregaram-se de apagar, quase por completo, os vestígios da cerca medieval. Muito embora o seu traçado surja representado na planta do projeto da cerca quinhentista (atrás mencionado) e reproduzido nos desenhos de Alessandro Massay (Figura 2), do primeiro quartel do século XVII, e na cópia que, em meados do século XVII, Leonardo de Ferrari fez de um original mais antigo (Sánchez Rubio *et alii*, 2004: espec. 67), não existem informações que permitam reconstituir os elementos que se encontram omissos na cartografia antiga (torreões, portas, fossos...).

3. INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA RUA 5 DE OUTUBRO, N.º 36: CONTEXTO ESTRATIGRÁFICO, FOSSO E ESPÓLIO EXUMADO

A área em estudo encontra-se localizada entre as duas cercas de Lagos: intramuros à Cerca Nova mas extramuros à Cerca Velha (Figuras 1 e 2). Os traba-

lhos arqueológicos foram realizados no âmbito do processo de alteração e ampliação de um pequeno edifício de habitação situado na Rua 5 de Outubro, n.º 36 (Freguesia de São Gonçalo de Lagos). Tendo em conta a sensibilidade patrimonial desta zona, foram implementadas medidas preventivas de minimização de hipotéticos impactes da obra sobre o património arqueológico que se consubstanciaram na realização de uma sondagem de diagnóstico de 4m² (2x2m) junto à fachada do edifício voltada para a via pública (Figura 3) e no acompanhamento arqueológico de todas as acções que interferissem no subsolo. Os resultados obtidos procedem desta sondagem que atingiu cerca de 4m de profundidade e permitiu registar a sequência estratigráfica total do local e identificar uma estrutura em negativo (Figura 4). O substrato geológico de natureza calcária encontrava-se talhado e com uma pendente de cerca de 1.40m (cota de 13.40m no topo e 12.00m no nível mais baixo). A característica do corte da rocha sugere a existência de um fosso com orientação paralela ao pano poente da Cerca Velha. A exiguidade da área intervencionada e a sua implantação junto ao limite da via pública impediram uma melhor caracterização desta estrutura. Embora não tenha sido possível definir a extensão total do referido fosso, quer do seu limite superior quer da sua largura ou profundidade máxima, este parece apresentar um perfil em “U”. O troço registado corresponde ao seu limite exterior poente, verificando-se que se prolongará sob o traçado da actual Rua 5 de Outubro.

O referido fosso encontrava-se colmatado por vários níveis diferenciados de aterro (Figura 4). Os níveis de aterro mais recentes (compostos pelas u.e.^s 101, 105, 107 e 108) encontram-se associados aos níveis de construção da habitação contemporânea (edifício existente) que parecem circunscrever-se aos finais do séc. XIX / inícios do séc. XX. Estes sobrepõem-se aos estratos de colmatção do fosso onde se registaram duas realidades estratigráficas distintas: um primeiro nível correspondente à desactivação intencional do fosso composto por terra castanho alaranjada, solta e arenosa (u.e. 111 a 115⁵) que é cortada, superficialmente, por uma pequena fossa detrítica / lixeira (u.e. 110).

5. Embora se tenham individualizado cinco camadas artificiais (para melhor controle da estratigrafia) durante a intervenção, estas u.e.^s corresponderão a um mesmo estrato (e acção).

A relação estratigráfica desta lixeira constituída por terra castanho escura solta, carvões, fauna mamalógica e malacológica, parece atestar a sua posterioridade relativamente ao enchimento original do fosso. Este dado assume particular relevância pois desta lixeira provém os únicos numismas exumadas na intervenção e que se afiguram como importantes índices cronológicos. A respectiva classificação determina a presença de um Meio-Vintém em prata e de um ceitel, ambos do reinado de D. Manuel (1495-1521). As duas únicas moedas recuperadas reforçam a determinação de uma cronologia para a formação desta lixeira que, por intermédio da sua correlação estratigráfica, pode apoiar a atribuição de uma proposta de datação para a colmatção do fosso medieval. Deste modo, poderá sugerir-se que o depósito detrítico (u.e. 110) terá sido gerado em momento coetâneo ou posterior a D. Manuel – ainda durante a primeira metade do séc. XVI. Por associação e de igual modo, determina-se que o aterro do fosso medieval se tenha realizado em momento necessariamente anterior.

Para além dos dois numismas e de outro tipo de espólio metálico (cavilha em ferro e um dedal e alfinete em bronze), o conjunto cerâmico recuperado neste estrato, apesar de ser em número reduzido, revela uma grande diversidade de produções. Efectivamente, para além do barro vermelho de superfícies foscas (panelas, cântaros ou caçoilas com bordo introvertido – Figura 5, n.º 6) ou vidradas, conta-se a presença de elementos vidrados melados, um fragmento de escudela em faiança e vários fragmentos com superfícies vidradas de coloração verde pertencentes aos típicos alguidares de formato troncocónico e bordo pendente de secção triangular. Para além destes, destaca-se um fundo de uma tigela com superfície interior vidrada de tonalidade melada acastanhada, com decoração a óxido de manganês (Figura 6 – n.º 5) cuja presença se testemunha igualmente nos níveis inferiores e de colmatção do fosso (Fig. 6 – n.º 4). Este tipo de produções encontra paralelos em contextos do século XV e XVI no castelo da vila de Alcoutim (Catarino, 2003: 169 (Est. VI-8, Est. VII-6 e Est. XII-5 e 6), no Poço-Cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996: 154, fig. 12 e 13) e até nos níveis portugueses da fortaleza de Alcácer Ceguer (Redman e Boone, 1979: 33 e fig. 19-B a E). Tratam-se de produções sevilhanas associadas ao século XV (Amores Carredano e Chisvert Jiménez, 1993: 292), muito comuns entre a baixela de cerâmica domés-

tica, nomeadamente em contextos do último terço do século XV (Lafuente Ibáñez, 2015) e que podem alcançar os meados do séc. XVI (Gutiérrez, 2000: 44-60). Refira-se ainda a presença de um almofariz de perfil subtruncocónico e bordo espessado com “bico” vertedor (Figura 7 – n.º 1) que se deverá enquadrar no mesmo horizonte cronológico e ter igual proveniência andaluza. Esta peça, com pasta de cor creme/amarelada com desengordurantes micáceos e quartzosos de pequena e média dimensão, apresenta evidentes semelhanças com os tipos produzidos em La Cartuja (Sevilha) no século XV (Amores Carredano e Chisvert Jiménez, 1993: 293), sendo já conhecidos noutras regiões do Algarve como Silves (Gomes e Gomes, 1996: 164, fig. 17) e Tavira (Covaneiro *et alii*, 2010: 113) e na praça portuguesa de Alcácer Ceguer (Redman e Boone, 1979: fig. 18-Q). Por sua vez, o espólio recolhido (exclusivamente cerâmico) nos níveis inferiores (u.e. 111 a 115), de aterro original ou de amortização intencional do fosso da cerca velha medieval, apresenta afinidades com o grupo procedente da lixeira revelando, de igual modo, alguma diversidade de produções. A par das produções de barro vermelho de uso comum com presença maioritária e de algumas produções em pasta branca assiste-se à presença de louças de esmalte estanífero (faianças) provenientes da região andaluza de Sevilha.

A cerâmica fosca de barro vermelho encontra-se representada maioritariamente por louça de cozinha e de mesa. A forma mais representada reporta-se às painelas que surgem com bordo moldurado (Figura 5 – n.º 7) ou cintado (Figura 5 – n.º 8). Regista-se ainda a presença de recipientes de corpo globular e bordo vertical (Figura 5 – n.º 1) que poderão corresponder a pequenos púcaros e çaoilas/tachos (pela fuligem exterior) com carena e estrangulamento do bordo (Figura 5 – n.º 5). Relativamente à louça de mesa, para além de alguns fragmentos de pequena dimensão referentes a abas de pratos, assinala-se a presença de uma taça com lábio boleado destacado por canelura (Figura 5 – n.º 4). Alista-se ainda o fragmento de bordo de alquidar de grandes dimensões com bordo pendente de perfil triangular.

Foram contabilizados vários fragmentos de barro vermelho com superfície interna vidrada (melada), entre os quais se destaca uma sertã com bordo espessado (Figura 6 – n.º 7).

Para além dos fabricos em barro vermelho, adquire alguma expressão no conjunto um tipo de produ-

ção em pasta creme ou amarelada, com superfícies alisadas, que poderão corresponder a produtos exógenos, também de proveniência andaluza. Apesar de maioritariamente informes e para além do almofariz já referenciado anteriormente, regista-se a presença de um grande pote de bordo vertical, moldurado, com ressalto interno (Figura 7 – n.º 2). Apresenta semelhanças com os grandes potes, de perfil tendencialmente ovóide, que surgem documentados em Sevilha desde o século XIV até aos inícios do século XVI (Amores Carredano e Chisvert Jiménez, 1993: 280-281 e 305, n.º 34 e 35). Embora surjam igualmente referenciados em Valência, associados ao transporte de azeite, com uma cronologia geral entre o século XIV e XV (Amigues *et alii*, 1995: 351-352 e fig. 2, VI, VIa e VII) deverão, também estes, ter uma origem sevilhana (Amores Carredano e Chisvert Jiménez, 1993: 281, nota 24).

O grupo da cerâmica vidrada encontra-se bem representado. Neste particular, têm preponderância os vidrados melados que surgem lisos sobre a forma de escudelas (Figura 6 – n.º 2 e 3), mas também pintados a óxido de manganês sob a forma de taças e pratos (Figura 6 – n.º 4) como já foi antes referido. Pela singularidade da forma, destaca-se o fragmento de bordo e colo canelado que poderá fazer parte de uma infusa (Figura 6 – n.º 1). Para além dos melados, contabilizam-se vários fragmentos com vidrado de coloração verde pertencentes a grandes alquidares de perfil troncocónico e bordo espessado (Figura 6 – n.º 6).

Por fim, entre o pouco material passível de proporcionar um lastro informativo mais substancial, e além das cerâmicas meladas com pintura a óxido de manganês e os recipientes de pasta creme, assinala-se a presença de faianças também de produção sevilhana. Para além de dois pratos marcados com ônfalo bem saliente⁶, enquadrado por ressalto que delimita o fundo (Figura 8 – n.º 4), cuja produção é geralmente apelidada de série “blanca lisa” (como o nome indica apenas revestida por esmalte estanífero de cor esbranquiçada, lisa e sem decoração pintada), registaram-se outros dois fabricos distintos. Um destes encontra-se representado por uma escudela e um fragmento de fundo de prato (Figura 8 – n.º 1 e 2

6. Este modelo é bastante comum em contextos quinhentistas no Porto (Barreira *et alii*, 1998: 152, fig. 13; Dórdio *et alii*, 2001: 132), em Lisboa (Sabrosa, 2008: 117) ou em Silves (Gomes e Gomes, 1996: 161, fig. 15).

respectivamente) que combina a decoração pintada a azul-cobalto e manganês (ou vinoso). O interior das peças é marcado por listas largas a manganês e dupla listagem a azul. Na face exterior da escudela observam-se listas verticais a azul. Esta série ficou conhecida entre os autores anglo-saxónicos como “Blue and Purple” ou “Isabella Polychrome” (Goggin, 1968: 126-134; Gutiérrez, 2000: 48) e espanhóis como “azul y morada” e tem uma cronologia de produção estimada entre os finais do século XV e os meados do século XVI. Estas peças encontram-se bem documentadas em território português, nomeadamente em contextos do século XVI. Para além de Silves (Gomes e Gomes, 1996: 174, figs. 25 e 26), podemos mencionar, a título de exemplo, sítios tão distintos como Coimbra (Almeida *et alii*, 2013: 487, fig. 6.5; Silva, 2015: 253) ou as ilhas atlânticas (Sousa, 2011: 245-246). Ainda das oficinas de Sevilha, contemporâneas das “blancas lisas” e sobrevivendo até aos inícios do século XVI⁷ (Pleguezuelo e Lafuente, 1995: 228), destaca-se um fabrico caracterizado por apresentar esmalte branco e opaco combinado com um vidrado de coloração verde, ou seja, decorada com metades a branco e verde. Esta série ficou conhecida por “verde de mitades” e na tradição anglo saxónica por “Columbia Plain White and green” ou “Half-dipped White and Green” (Gutiérrez, 2000: 44, fig. 2.26). No lote em apreço, esta produção encontra-se representada por um prato de paredes curvas simples (Figura 8 – n.º 3). Nos últimos anos, este fabrico tem sido reconhecido um pouco por todo o território nacional, com particular incidência da região mais meridional. Para além de Silves (Gomes e Gomes, 1996: 160 e 162) podemos mencionar a título ilustrativo, Coimbra (Silva, 2015: 253), a ilha da Madeira (Sousa, 2011: 254-255, fig. 705), o mosteiro de S. João de Tarouca (Castro, 2009: 252) e a olaria da Mata da Machada no Barreiro (Carmona e Santos, 2005: 15).

Estes conjuntos sevillanos que se inserem tradicionalmente no grupo mourisco (“Morisco Ware”) para além de reflectirem um determinado circuito comercial preferencial, podem assumir características de fósil-director no esforço de atribuição cronológica destes estratos que, por sua vez, mate-

7. Alexandra Gutiérrez (2000: 51) admite que possam ter perdurado até finais do século XVI, tendo em conta o seu aparecimento em contextos arqueológicos norte americanos assim datados.

rializam o aterro e consequente anulação do fosso da Cerca Velha de Lagos. Esta situação cria algum embaraço evidenciado pela ampla diacronia de produção que encerram. Como foi exposto, apesar destas séries terem uma maior prevalência durante o séc. XV, continuam a ser produzidas para além dos inícios do séc. XVI. Neste caso teremos de nos secundar na análise estratigráfica, onde assume particular relevância a lixeira identificada (u.e. 110). A presença de duas moedas do reinado de D. Manuel (1495-1521) num nível que corta (é posterior) o horizonte superior do aterro de colmatação do fosso é um indicador seguro no estabelecimento do *terminus post-quem* desta acção. Deste modo, parece-nos possível apontar para que a obliteração do fosso da Cerca Velha possa ter ocorrido durante as primeiras décadas do século XVI, certificando os dados históricos disponíveis e em plena harmonia com o início da construção da Cerca Nova e consequente expansão urbanística da cidade de Lagos durante o período renascentista.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção arqueológica aqui apresentada assume particular relevância pela identificação do fosso poente da cerca medieval de Lagos, cuja existência e localização era até então desconhecida. Embora não se encontrem representadas nas fontes cartográficas, é possível rastrear na documentação histórica, nomeadamente em contratos de aforamento de finais do séc. XV (Pereira, 2012/2013: 145-146), a existência de duas alcárcovas ao longo dos panos norte e sul da muralha medieval para drenagem das águas pluviais, sendo a setentrional designada de “alcárcova do Touril” (Pereira, 2012: 44-46 e 59). O troço inédito do fosso identificado deverá ser paralelo ao pano poente da Cerca Velha, prolongando-se sob a via pública (Rua 5 de Outubro). Não são hoje visíveis vestígios desta secção da muralha. Porém, analisando a malha urbana actual (Figuras 1 e 3), verifica-se que o traçado da cerca primitiva terá deixado marcas no parcelário urbano. No contrato de aforamento de um tal Fernão Ruiz Neto, datado de 1497 (Pereira, 2012/2013: 145), torna-se notório que a muralha e rua (neste caso na zona sul) terão sido os elementos referenciais de termo e alinhamento das fachadas do casario, constatando-se ainda que a alcárcova se teria transformado em rua (*idem*). Processo idêntico terá ocorrido nos restantes troços

murários a norte e, como se depreende dos dados aqui analisados, também a poente. Considerando a topografia do terreno, o fosso ou alcárcova poente percorreria, paralelamente ao traçado ocidental da Cerca Velha, a ladeira norte da colina de Santa Maria, especialmente acentuada desde a actual Rua do Adro, o que terá facilitado o escoamento das águas precipitadas até ao fosso norte por onde circulava a Ribeira dos Touros e que desaguava na foz da Ribeira de Bensafrim. Um troço desta alcárcova norte foi já igualmente documentado em escavação arqueológica realizada no edifício da antiga esquadra da PSP em Lagos (Matos *et alii*, 2016).

Dada a limitação da área sondada, confinante com a via pública, não foi possível definir na sua totalidade o contorno do fosso que muito presumivelmente apresentará um perfil em “U”. Do mesmo modo, os resultados obtidos não colaboram para a confirmação da sua cronologia de construção que se crê, no entanto, coetânea da fortificação medieval. Para além da descoberta e localização do fosso poente da cerca velha, os dados recolhidos permitem tecer algumas considerações relativas à amortização deste espaço e consequente desenvolvimento urbano da cidade. Como ficou exposto, a análise do espólio recolhido nos níveis de colmatação do fosso sugerem que a desactivação desta estrutura terá ocorrido, seguramente, na primeira metade do século XVI. Conjuntura que se concilia harmoniosamente com os dados históricos e com a construção da Cerca Nova nos inícios da segunda metade do século XVI, fruto da expansão urbanística de Lagos no período renascentista.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J.; COSTA, P. T.; VICTOR, L. A. (2006) – “Sismicidade histórica”. In VICTOR, L. A. (org.), *Risco Sísmico: Centro Histórico de Lagos*. Centro Europeu de Riscos Urbanos, pp. 19-25.
- ALMEIDA, Sara; SILVA, Ricardo C.; DIAS, Vítor; PERPÉ-TUO, João (2013) – “O lugar da Torre dos Sinos (Convento Velho de S. Domingos), Coimbra: notas para o estudo da formação dos terrenos de aluvião, em época Moderna”. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, vol. 1, pp. 483-488.
- AMIGUES, F.; CRUELLES, E.; GONZÁLEZ-VILLAESCUSA, R.; LERMA, V. (1995) – “Los envases cerámicos de Paterna / Manises y el comercio bajomedieval”. *Actes du 5^{ème} colloque sur la céramique médiévale*. Rabat, pp. 346-361.
- AMORES CARREDANO, Fernando e CHISVERT JIMÉNEZ, Nieves (1993) – “Tipología de la cerámica común bajo-medieval y moderna sevillana (ss. XV-XVIII): I, la loza quebrada de relleno de bóvedas”. *Spal*, 2, Sevilha, pp. 269-325.
- BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) – “200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII”. *Actas das 2^a Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós Medieval*. Tondela, pp. 145-184.
- CALLIXTO, Carlos P. (1992) – *História das Fortificações Marítimas da Praça de Guerra de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal.
- CARMONA, Rosalina; SANTOS, Cátia (2005) – *Olaria da Mata da Machada: cerâmicas dos séculos XV-XVI*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro.
- CASTRO, Ana Sampaio (2009) – *Cerâmica Europeia de Importação no Mosteiro de S. João de Tarouca (séculos XV-XIX)*. Dissertação de Mestrado (policopiado), Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- CATARINO, Helena (2003) – “Cerâmicas da Baixa Idade Média e de inícios do período moderno registadas no castelo da vila de Alcoutim”. *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo* (Tondela, 1997), Porto, pp. 161-177.
- COSTA, Alexandra; ABREU, Maria da Conceição (org.) (2005) – *1755 Terramoto no Algarve*. Faro: Centro Ciência Viva do Algarve.
- COVANEIRO, Jaquelina; CAVACO, Sandra; LOPES, Gonçalo (2010) – “Importações cerâmicas de Tavira na Baixa Idade Média”. *Arqueologia Medieval*. Porto. Edições Afrontamento. 11, pp. 113-120.
- DÍAZ-GUARDAMINO, Marta; MORÁN, Elena (2008) – *Entre muralhas e templos: A intervenção arqueológica no Largo de Santa Maria da Graça, Lagos (2004-2005)*, Lagos: Câmara Municipal.
- DÓRDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo; SÁ, Anabela (2001) – “Faianças do Porto e Gaia: o recente contributo da Arqueologia”, *Itinerário da faiança do Porto e Gaia*, Museu Nacional de Soares dos Reis: Lisboa, pp.117-66.
- GOGGIN, John (1968) – *Spanish majolica in the New World: types of the sixteenth to eighteenth centuries*, Yale University Publications in Anthropology, n.º 72, New Haven.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1996) – “Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves”, *Xelb*, vol. 3, pp. 143-205.
- GUTIÉRREZ, Alejandra (2000) – *Mediterranean Pottery in Wessey Households (12th to 17th centuries)*. Oxford: British Archaeological Reports, 306, pp. 17-73.
- LAFUENTE IBÁÑEZ, Pilar (2015) – “Cerámica mudéjar sevillana hallada en la excavación del solar n.º 16 de la calle

Cervantes de Coria del Río (Sevilla, España). Los materiales del pozo B". In GONÇALVES, M. J.; GÓMEZ-MARTÍNEZ, S. (Eds.), *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves/Mértola, 2012)*. Câmara Municipal de Silves & Campo Arqueológico de Mértola, pp. 285-290.

MATOS, Cidália; GONÇALVES, Ana; MORÁN, Elena (2016) – *Edifício da antiga esquadra da PSP em Lagos. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos – Campanha de 2015 (20 de Abril a 20 de Maio)*, ARKHAIOS: Évora, (policopiado).

PARREIRA, Rui (2008) – A propósito dos recintos amuralhados de Lagos, *As Muralhas de Lagos*. Reedição fac-similada do Boletim n.º 104 (1961) Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lagos: Câmara Municipal de Lagos.

PAULA, Rui (1992) – *Lagos, Evolução Urbana e Património*, Lagos: Câmara Municipal de Lagos.

PEREIRA, Daniela (2012) – *A Evolução Urbanística de Lagos (séculos XV-XVIII)*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, Faro.

PEREIRA, Daniela (2012/2013) – A evolução urbana de Lagos. *Promontoria*, 10, pp. 137-177.

PLEGUEZUELO, Alfonso; LAFUENTE, M. Pilar (1995) – Cerâmicas de Andalucía Occidental (1200-1600). Christopher Gerrard; Alejandra Gutiérrez; Alana Vince, *Spanish medieval ceramics in Spain and the British Isles (Cerámica medieval española en España y en las Islas Británicas)*. Oxford: Tempos Reparatum (Bar Internacional series, 610), pp. 217-244.

REDMAN, Charles; BOONE, James (1979) – *Qsar es-Seghir (Alcácer Ceguer): a 15th and 16th century Portuguese colony in North Africa*. Sep. de *Studia*, n.º 41-42, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa.

ROCHA, Manuel J. P. (1991) – *Monografia de Lagos*. Faro: Algarve em Foco Editora.

SABROSA, Armando (2008) – As faianças da casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa, *Actas das 4^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Câmara Municipal de Tondela, pp. 109-142.

SÁNCHEZ RUBIO, Rocío; TESTÓN NÚÑEZ, Isabel; SÁNCHEZ RUBIO, Carlos M. (eds.) (2004) – *Imágenes de un Imperio Perdido: el Atlas del Marqués de Heliche – Plantas de diferentes Plazas de España, Italia, Flandres y las Índias*, Mérida: Presidencia de la Junta de Extremadura.

SILVA, Ricardo C. (2015) – *O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso Castelo Branco*, 2 vols., Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SOUSA, Élvio (2011) – *Ilhas de arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*, 2 vols., Dissertação de Doutoramento em História Regional e Local apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



Figura 1 – Localização da intervenção no centro histórico de Lagos (sobre base do Google Earth) com indicação do traçado hipotético da cerca medieval (a amarelo) e da muralha renascentista (a vermelho).



Figura 2 – Localização da intervenção na planta das muralhas de Lagos de Alexandre Massay. Descrypção do Reyno do Algarve, 1621. Museu da Cidade de Lisboa.



Figura 3 – Localização de pormenor do empreendimento (Rua 5 de Outubro, 36) e da sondagem 1 em excerto da planta topográfica de Lagos, com sinalização do alinhamento hipotético da cerca medieval (a cinza).

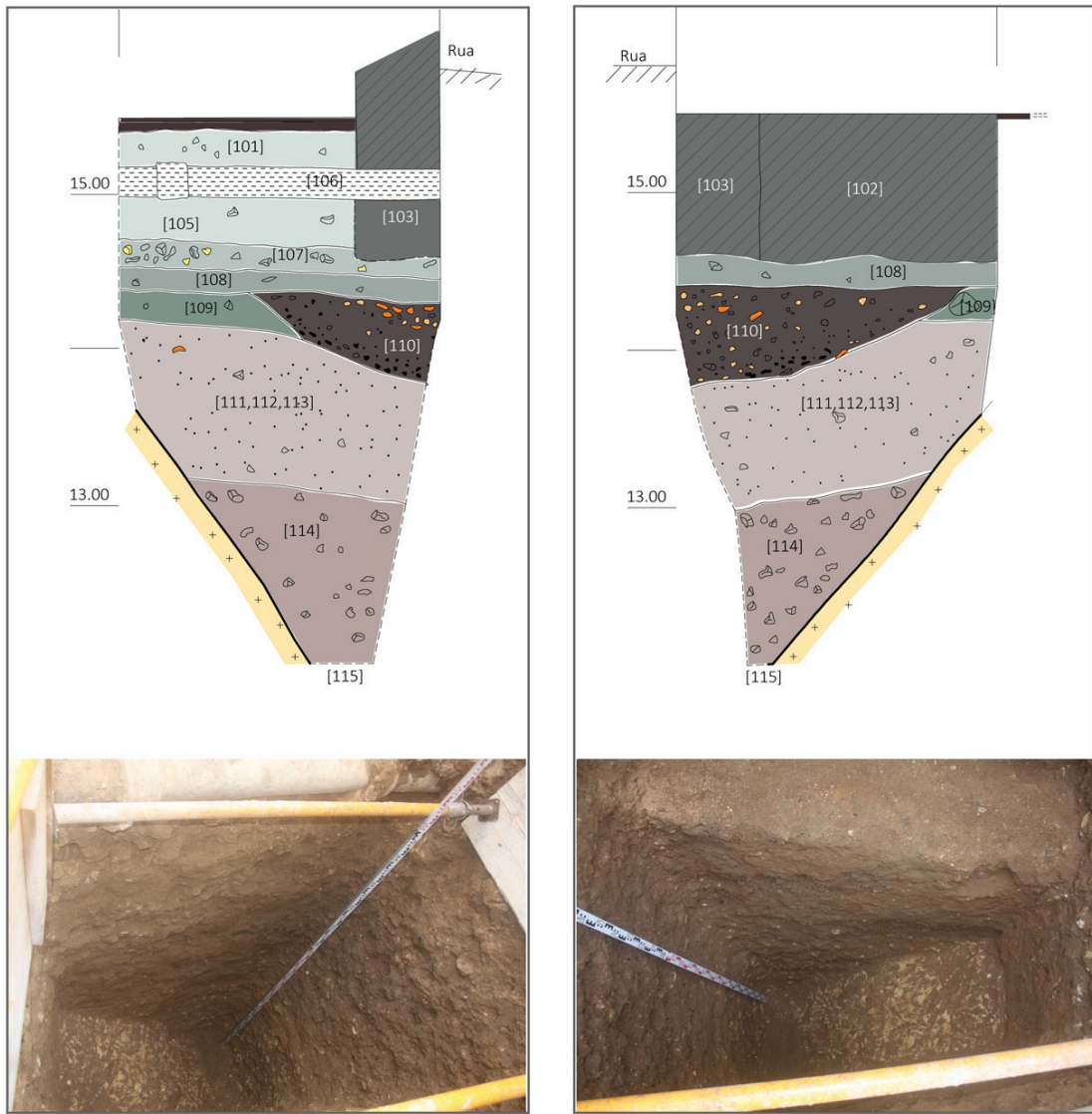


Figura 4 – Perfis estratigráficos da sondagem 1. À esquerda, perfil norte e à direita, perfil sul.

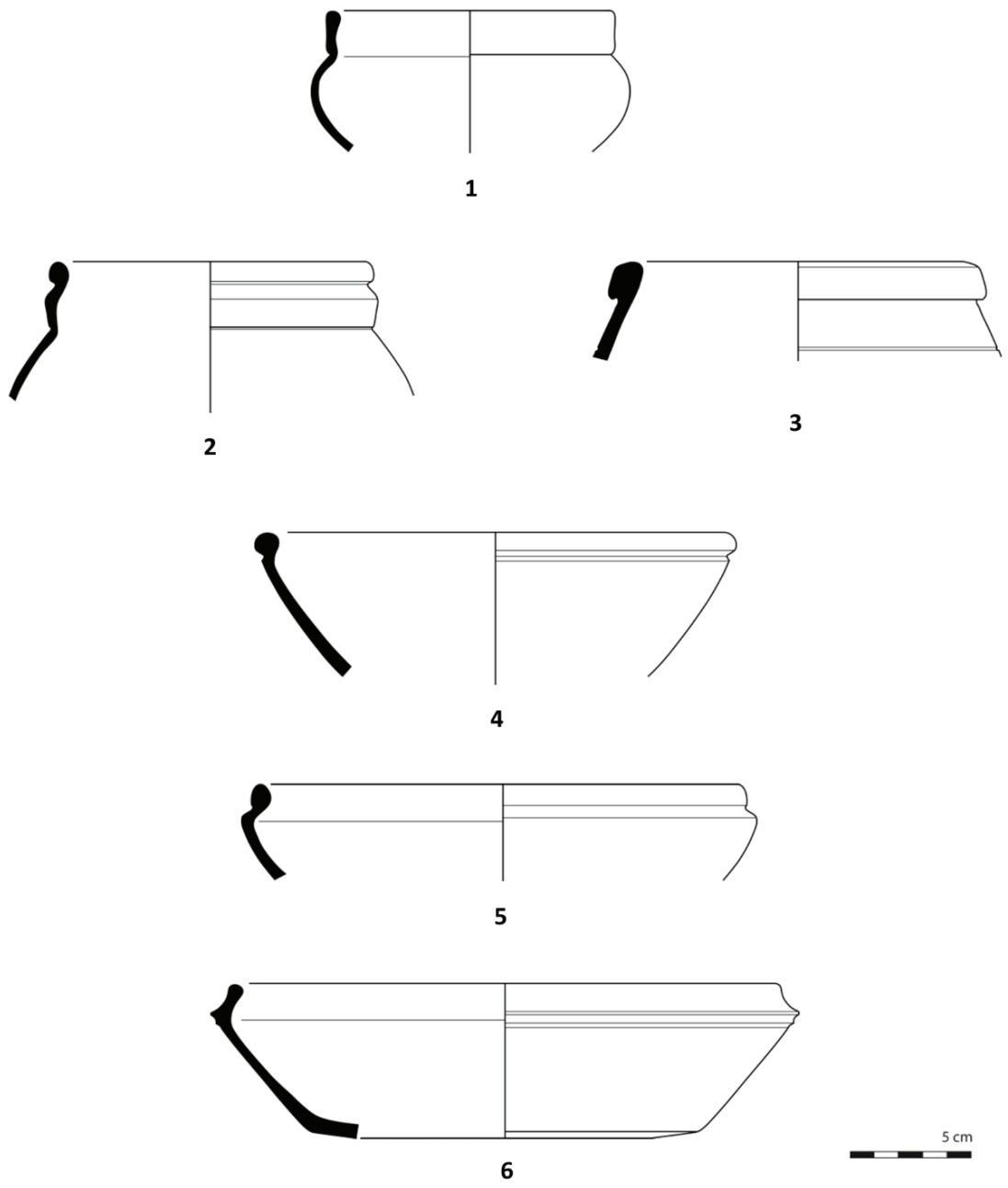


Figura 5 – Cerâmica doméstica comum. (Desenhos de Sara Almeida).

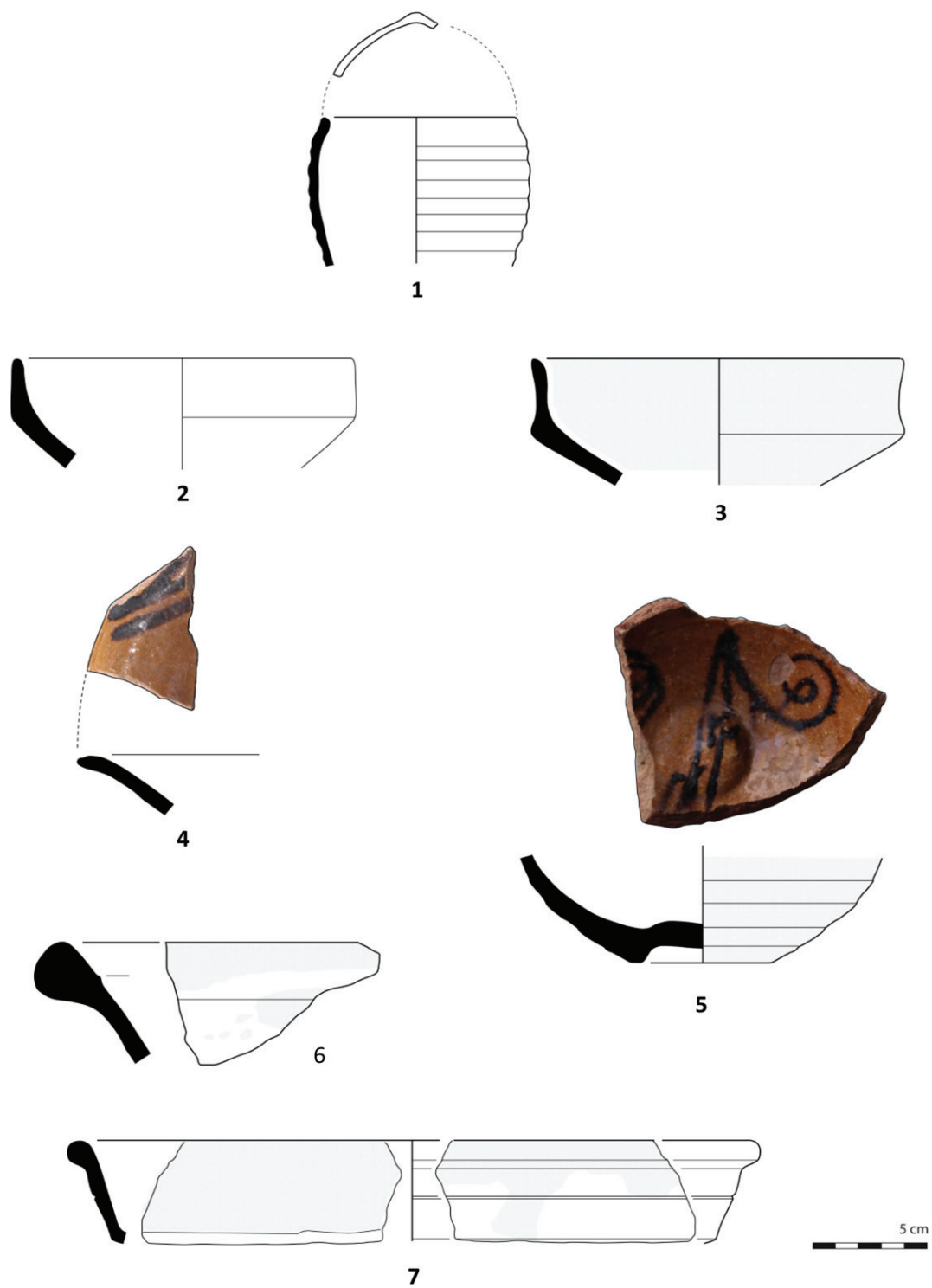
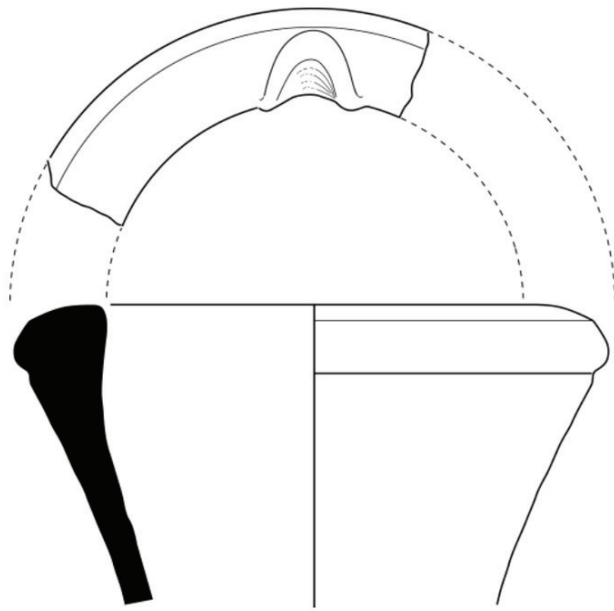
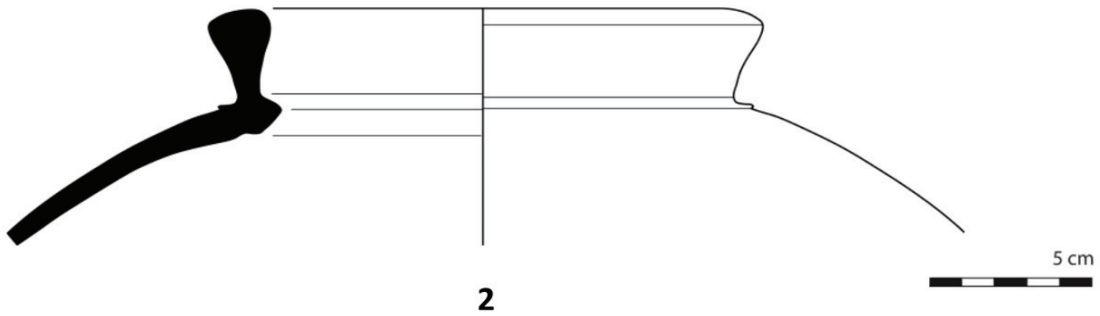


Figura 6 – Cerâmica com superfícies vidradas. (Desenhos de Sara Almeida).



1



2

Figura 7 – Cerâmica comum importada. (Desenhos de Sara Almeida).

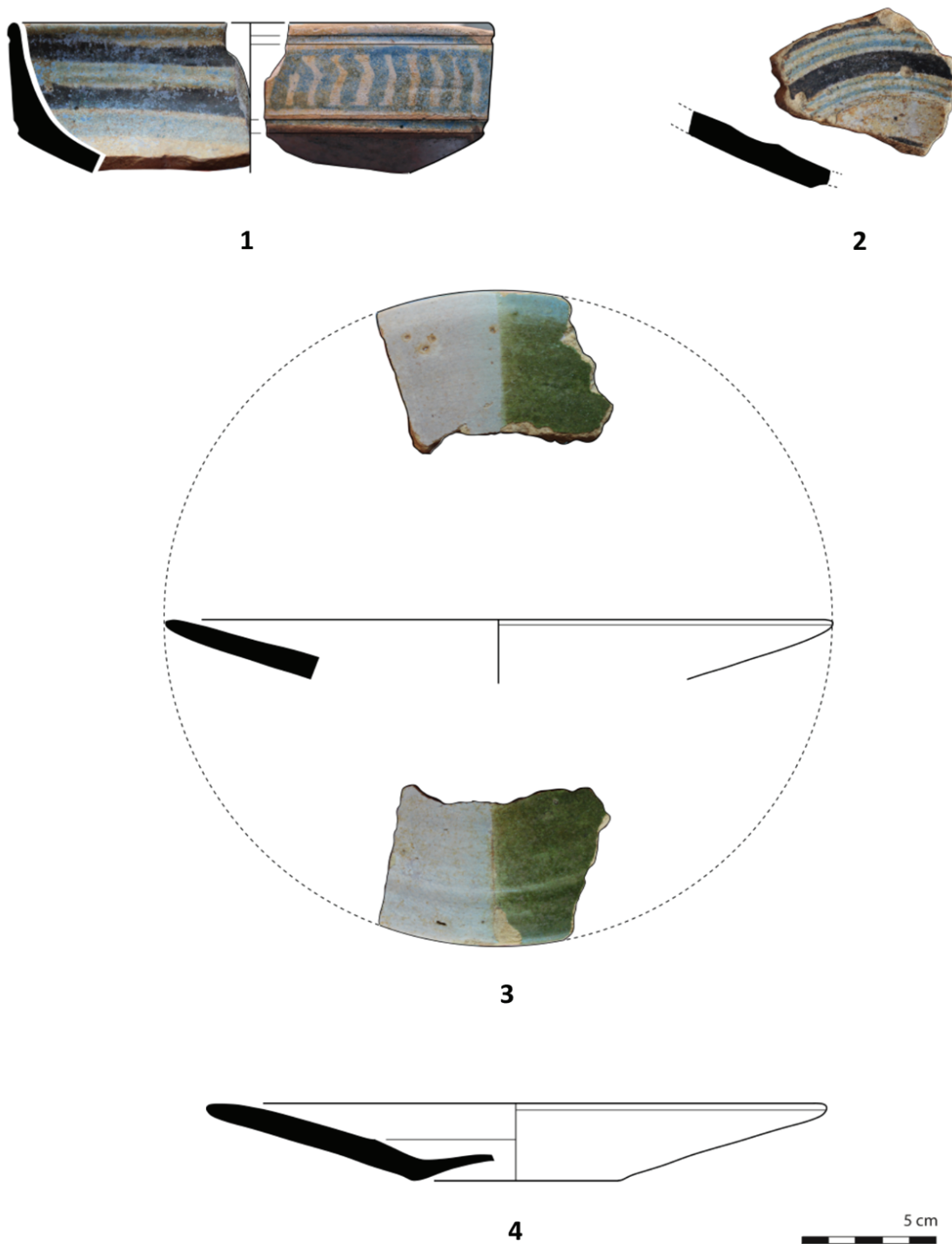


Figura 8 – Produções sevilhanas. (Desenhos de Sara Almeida).



Patrocinador oficial